



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E  
SEGURANÇA ALIMENTAR (DRUSA)**

**MULHERES RURAIS COMO PROTAGONISTAS DO TRABALHO EM REDE NO  
MST:  
ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO SANTA MARIA EM PARANACITY — PR**

**INGRID ALMEIDA LIMA**

Foz do Iguaçu  
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,  
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E SEGURANÇA  
ALIMENTAR (DRUSA)**

**MULHERES RURAIS COMO PROTAGONISTAS DO TRABALHO EM REDE NO MST:  
ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO SANTA MARIA EM PARANACITY — PR**

**INGRID ALMEIDA LIMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

Orientador: Prof. Dr. Régis da Cunha Belem

Foz do Iguaçu  
2022

INGRID ALMEIDA LIMA

**MULHERES RURAIS COMO PROTAGONISTAS DO TRABALHO EM REDE NO MST:  
ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO SANTA MARIA EM PARANACITY — PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Régis da Cunha Belem  
UNILA

---

Prof. Dr. Dirceu Basso  
UNILA

---

Prof. Dra. Sílvia Aparecida Zimmermann  
UNILA

Foz do Iguaçu, 05 de junho de 2023.

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): INGRID ALMEIDA LIMA

Curso: BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E SEGURANÇA ALIMENTAR

	Tipo de Documento
(X) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(X) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: MULHERES RURAIS COMO PROTAGONISTAS DO TRABALHO EM REDE NO MST: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO SANTA MARIA EM PARANACITY — PR

Nome do orientador(a): PROF. DR. RÉGIS DA CUNHA BELEM

Data da Defesa: 05/06/2023

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública [Creative Commons Licença 3.0 Unported](#).

Foz do Iguaçu, 05 de junho de 2023.

---

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a todas as  
trabalhadoras rurais sem terras

## AGRADECIMENTOS

Sou grata pela oportunidade de trilhar este caminho. Ser uma estudante de universidade federal foi um dos desafios mais difíceis da minha vida, e me orgulho imensamente de toda a trajetória percorrida para chegar até aqui.

Sou imensamente grata aos meus pais, Delmina e Erivan, pelo apoio em diversos momentos da minha vida. Eles acreditaram em mim quando decidi sair de casa em busca do sonho de me formar em uma universidade federal.

Gostaria de agradecer ao meu companheiro, Miguel Storniolo, pelo apoio incondicional durante esse longo período universitário que passamos juntos. Ele nunca deixou que eu desistisse e sempre esteve ao meu lado, inclusive durante o momento mais difícil de minha vida, quando enfrentei a depressão.

Agradeço ao meu primo Alefe, por sempre se fazer presente, mesmo que a vida tenha nos levado por caminhos diferentes. Cada contato parece que nunca ficamos um dia longe, porque nossa amizade possui uma conexão única. Sou grata por ele ser essa pessoa incrível que sempre acreditou em mim.

De forma especial, agradeço aos meus amigos, Manu, Clau, Felipe e Bruninha, que estiveram comigo durante toda a trajetória da graduação. A vida ao lado deles é mais leve, e para sempre terão um lugar em meu coração.

Também sou grata à UNILA pela incrível experiência de integração latino-americana que me permitiu fazer amizades com pessoas de tantos lugares do mundo. Sou grata por todas as aulas que tive e pelos professores que me ajudaram a enxergar o mundo de outra forma. Agradeço também pelo apoio financeiro e pelas sessões de acolhimento psicológico ao longo da minha graduação.

Em especial, agradeço ao professor Regis por aceitar orientar esse TCC e aos professores Dirceu e Silvia por aceitarem fazer parte da minha banca.

Agradeço ao MST, em especial ao Assentamento Santa Maria, por me receberem tão bem e permitirem a realização deste trabalho. Sinto-me orgulhosa pela oportunidade de escrever sobre a COPAVI, a qual é um exemplo de união e cooperativismo. O trabalho incansável das mulheres da COPAVI é uma verdadeira inspiração para mim.

Por fim, eu quero expressar minha gratidão aos meus gatinhos, que me acompanharam ao longo de toda minha graduação. Alguns já partiram, mas permanecerão gravados na minha mente e no meu coração para sempre.

*Vamos que vamos, vamos juntas ocupar tudo.*  
**Marielle Franco**

LIMA, Ingrid A. **Mulheres Rurais como Protagonistas do Trabalho em Rede No MST: Estudo de Caso do Assentamento Santa Maria em Paranacity** — PR. 2022. 61 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar — Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

## RESUMO

Historicamente, a sociedade brasileira seguiu um modelo patriarcal, dividindo as responsabilidades produtivas para os homens e as responsabilidades reprodutivas para as mulheres, realidade que também se reflete nas famílias rurais. As mulheres lutam para conquistar seu lugar na cadeia produtiva e serem reconhecidas pelo trabalho que realizam. No entanto, elas enfrentam múltiplas jornadas de trabalho, incluindo cuidar dos filhos e preparar as refeições da família, trabalhos considerados leves. A organização coletiva surge como uma alternativa a esse sistema patriarcal, onde as mulheres têm um papel tão fundamental quanto os homens. O Assentamento Santa Maria, localizado na cidade de Paranacity, noroeste do estado do Paraná no Brasil, por meio da COPAVI (Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória), é um exemplo de como a organização coletiva pode garantir a participação de todos os associados, incluindo mulheres e mães, na cadeia produtiva. A cooperativa oferece empregos, segurança, moradia e acesso à alimentação agroecológica, criando um ambiente propício para o desenvolvimento sustentável e a promoção da igualdade de gênero. Este estudo tem como objetivo geral analisar a forma de organização das trabalhadoras rurais do Assentamento Santa Maria, com o objetivo específico de compreender o funcionamento de uma organização coletiva e a relevância do cooperativismo para as mulheres rurais. O estudo destaca a importância da organização coletiva e do cooperativismo como estratégias para promover a participação e a inclusão das mulheres rurais na tomada de decisões, fortalecendo sua posição social e econômica nas comunidades rurais. A metodologia utilizada neste trabalho envolveu uma revisão bibliográfica, um estudo de caso e uma visita de campo. Durante a visita, foram realizadas interações com as trabalhadoras do assentamento. Conclui-se que as organizações coletivas na agricultura têm se mostrado eficazes na superação das desigualdades de gênero e no desenvolvimento sustentável, porém é necessário repensar a divisão sexual do trabalho doméstico para alcançar uma inserção mais equitativa das mulheres na cadeia produtiva. Através da organização coletiva, é possível fortalecer os laços sociais, promover maior solidariedade e colaboração entre as pessoas de uma comunidade rural, reduzindo assim o isolamento social. A resistência ao modelo de assentamento coletivo pode ser atribuída ao desejo da maioria dos trabalhadores rurais de ter seu próprio espaço de cultivo, seguindo o modelo da agricultura familiar, além das dificuldades em lidar com conflitos e tomar decisões coletivas.

**Palavras-chave:** Assentamentos Coletivos. Assentamento Santa Maria. Cooperativismo. COPAVI. Divisão Sexual do Trabalho Doméstico. MST.

LIMA, Ingrid A. **Mujeres Rurales como Protagonistas del Trabajo en Red en el MST** Estudio de Caso del Asentamiento Santa María en Paranacity - PR. 2022. 61 páginas. Trabajo de Conclusión de Curso en Desarrollo Rural y Seguridad Alimentaria - Universidad Federal de Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2022.

## RESUMEN

Históricamente, la sociedad brasileña ha seguido un modelo patriarcal, dividiendo las responsabilidades productivas para los hombres y las responsabilidades reproductivas para las mujeres, una realidad que también se refleja en las familias rurales. Las mujeres luchan por conquistar su lugar en la cadena productiva y ser reconocidas por el trabajo que realizan. Sin embargo, enfrentan múltiples jornadas laborales, incluyendo el cuidado de los hijos y la preparación de las comidas para sus familiares, trabajos considerados ligeros. La organización colectiva surge como una alternativa a este sistema patriarcal, donde las mujeres tienen un papel tan fundamental como los hombres. El Asentamiento Santa María, ubicado en la ciudad de Paranacity, al noroeste del estado de Paraná en Brasil, a través de la COPAVI (Cooperativa de Producción Agropecuaria Victoria), es un ejemplo de cómo la organización colectiva puede garantizar la participación de todos los asociados, incluyendo mujeres y madres, en la cadena productiva. La cooperativa ofrece empleos, seguridad, vivienda y acceso a alimentos agroecológicos, creando un ambiente propicio para el desarrollo sostenible y la promoción de la igualdad de género. Este estudio tiene como objetivo general analizar la forma de organización de las trabajadoras rurales del Asentamiento Santa María, con el objetivo específico de comprender el funcionamiento de una organización colectiva y la relevancia del cooperativismo para las mujeres rurales. El estudio destaca la importancia de la organización colectiva y del cooperativismo como estrategias para promover la participación y la inclusión de las mujeres rurales en la toma de decisiones, fortaleciendo su posición social y económica en las comunidades rurales. La metodología utilizada en este trabajo involucró una revisión bibliográfica, un estudio de caso y una visita de campo. Durante la visita, se realizaron interacciones con las trabajadoras del asentamiento. Se concluye que las organizaciones colectivas en la agricultura han demostrado ser eficaces en la superación de las desigualdades de género y en el desarrollo sostenible, pero es necesario repensar la división sexual del trabajo doméstico para lograr una inserción más equitativa de las mujeres en la cadena productiva. A través de la organización colectiva, es posible fortalecer los lazos sociales, promover una mayor solidaridad y colaboración entre las personas de una comunidad rural, reduciendo así el aislamiento social. La resistencia al modelo de asentamiento colectivo puede atribuirse al deseo de la mayoría de los trabajadores rurales de tener su propio espacio de cultivo, siguiendo el modelo de la agricultura familiar, además de las dificultades para lidiar con conflictos y tomar decisiones colectivas.

**Palabras clave:** Asentamientos Colectivos. Asentamiento Santa María. Cooperativismo. COPAVI. División Sexual del Trabajo Doméstico. MST.

LIMA, Ingrid A. **Rural Women as Protagonists of Networked Work in the MST: Case Study of the Santa Maria Settlement in Paranacity** — PR. 2022. 61 pages. Undergraduate Thesis in Rural Development and Food Security — Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2022.

## ABSTRACT

Historically, Brazilian society has followed a patriarchal model, dividing productive responsibilities for men and reproductive responsibilities for women, a reality that is also reflected in rural families. Women fight to conquer their place in the productive chain and be recognized for the work they perform. However, they face multiple workloads, including caring for children and preparing family meals, which are considered light tasks. Collective organization emerges as an alternative to this patriarchal system, where women have a role as fundamental as men. The Santa Maria Settlement, located in the city of Paranacity, northwest of the state of Paraná, Brazil, through COPAVI (Cooperative of Agricultural Production Victory), is an example of how collective organization can ensure the participation of all members, including women and mothers, in the productive chain. The cooperative offers jobs, security, housing, and access to agroecological food, creating a conducive environment for sustainable development and the promotion of gender equality. This study aims to analyze the organization of rural female workers in the Santa Maria Settlement, with the specific objective of understanding the functioning of a collective organization and the relevance of cooperativism for rural women. The study highlights the importance of collective organization and cooperativism as strategies to promote the participation and inclusion of rural women in decision-making processes, strengthening their social and economic position in rural communities. The methodology used in this work involved a literature review, a case study, and a field visit. During the visit, interactions with the settlement workers were conducted. It is concluded that collective organizations in agriculture have proven to be effective in overcoming gender inequalities and promoting sustainable development, but it is necessary to rethink the division of domestic labor in order to achieve a more equitable integration of women into the productive chain. Through collective organization, it is possible to strengthen social ties, promote greater solidarity and collaboration among people in a rural community, thereby reducing social isolation. Resistance to the collective settlement model can be attributed to the majority of rural workers' desire to have their own cultivation space, following the model of family farming, in addition to difficulties in dealing with conflicts and making collective decisions.

**Keywords:** Collective Settlements. Santa Maria Settlement. Cooperativism. COPAVI. Gender Division of Domestic Labor. MST

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b>	– Refeitório Coletivo: Cozinha do Assentamento Santa Maria	30
<b>Fotografia 2</b>	– Cozinha do Refeitório Coletivo do Assentamento Santa Maria	31
<b>Fotografia 3</b>	– Área Interna do Refeitório Coletivo do Assentamento Santa Maria	32
<b>Fotografia 4</b>	– Área Externa do Refeitório Coletivo do Assentamento Santa Maria	33
<b>Fotografia 5</b>	– Dornas utilizadas para fermentação do caldo da cana	40
<b>Fotografia 6</b>	– Cebolão utilizado para destilação do caldo de cana	41
<b>Fotografia 7</b>	– Local de armazenamento dos barris de carvalho, amburana e bálsamo	42
<b>Fotografia 8</b>	– Barril de carvalho	43
<b>Fotografia 9</b>	– Edição especial de cachaça da COPAVI em combate à LGBTFobia	44
<b>Fotografia 10</b>	– Trabalhadores da COPAVI alinhados em fila para o almoço.	45
<b>Fotografia 11</b>	– Comunicado fixado na parede externa do refeitório coletivo	46
<b>Fotografia 12</b>	– Trabalhadora da COPAVI lavando seu prato após o almoço	47
<b>Fotografia 13</b>	– Plantação de couve do setor de Horta e Sustento	48
<b>Fotografia 14</b>	– Cultivo de alface do Assentamento Santa Maria	49
<b>Fotografia 15</b>	– Horta da COPAVI	50
<b>Fotografia 16</b>	– Confeção de pães na padaria da COPAVI	52
<b>Fotografia 17</b>	– Prateleira de produtos da Reforma Agrária vendidos na loja da COPAVI	53
<b>Fotografia 18</b>	– Vaca em fase de lactação aguardando a ordenha	56

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Localização do município de Paranacity — PR	23
<b>Figura 2</b> – Limites da cidade de Paranacity — PR	24

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRA	Associação Brasileira de Reforma Agrária
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Paracity
Casa-Lar	Unidade de Acolhimento Infantil, Infante Juvenil, Institucional, Transitório, Saúde Mental e Outros
CEASA	Centrais de Abastecimento do Paraná S.A.
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CMEI	Centros Municipais de Educação Infantil
Cohapar	Companhia de Habitação do Paraná
Coopermate	Cooperativa de Reforma Agrária e Erva Mate
COPAVI	Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CUT	Central Única dos Trabalhadores
IBD	Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILAESP	Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, e +
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
S.A.	Sociedade Anônima
SIPE	Sistema Integrado de Produtos e Estabelecimentos
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2 O LUGAR DA MULHER EM UNIDADES DOMÉSTICAS RURAIS</b>	<b>18</b>
<b>3 MOVIMENTOS SOCIAIS RURAIS: BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA NO ESTADO DO PARANÁ</b>	<b>21</b>
3.1 HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO SANTA MARIA, EM PARANACITY — PR	23
3.1.1 Da ocupação à produção: a trajetória do Assentamento Santa Maria	26
3.1.2 História do Refeitório Coletivo	29
<b>4 MULHERES RURAIS COMO PROTAGONISTAS DO TRABALHO EM REDE NO MST: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO SANTA MARIA</b>	<b>35</b>
4.1 AS TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA COPAVI — COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA VITÓRIA	38
4.1.1 Setor Industrial	39
4.1.2 Almoço no Refeitório Coletivo	45
4.1.3 Setor de Horta e Sustento	48
4.1.4 Feirinha e Loja Física da COPAVI	51
4.1.5 Café da Tarde	53
4.1.6 Setor da Pecuária	55
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>60</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na sociedade em que vivemos atualmente, ainda é comum que os afazeres domésticos sejam atribuídos às mulheres, sejam elas urbanas ou rurais. Esse costume tem raízes históricas e culturais profundas, que remontam há tempos antigos, onde na sociedade patriarcal as mulheres eram vistas como inferiores aos homens e destinadas apenas às atividades domésticas e reprodutivas. Com o surgimento do capitalismo, esse papel social das mulheres como cuidadoras do lar e dos filhos foi reforçado, tornando-se uma norma social amplamente aceita e propagada.

Histórica e culturalmente, especialmente dentro da sociedade capitalista, sempre coube à mulher a responsabilidade pelos cuidados com a casa e com a família, independentemente de sua idade, condição de ocupação e nível de renda. O trabalho doméstico recaía sobre as mulheres com base no discurso, vivo até hoje, da naturalidade feminina para o cuidado. Essa atribuição social do cuidado ao feminino, primeiramente, limitou a vida das mulheres ao espaço privado, e posteriormente, com as transformações socioeconômicas e a busca de independência feminina, marcou desvantagens em relação aos homens na atuação econômica e social (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 125)

Esse modelo patriarcal é muito presente nas sociedades rurais, onde as atividades produtivas são consideradas masculinas, enquanto as atividades reprodutivas são consideradas femininas. Essa divisão de tarefas tem sido mantida por séculos e transmitiu-se de geração em geração, perpetuando a desigualdade de gênero e a exclusão das mulheres das atividades produtivas.

A organização rural coletiva pode ser uma alternativa a esse modelo patriarcal, por permitir que as mulheres rurais assumam papéis mais centrais nas atividades produtivas.

Na região noroeste do estado do Paraná, no Brasil, encontra-se o assentamento Santa Maria, o qual é um exemplo de assentamento coletivo. Atualmente, o número de mulheres nesse assentamento é maior relacionado ao número de homens, totalizando 26 mulheres, 15 homens e 14 crianças, que estão distribuídos em 26 famílias. A administração de todas as atividades nesse assentamento é conduzida pela COPAVI (Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória), que adota uma abordagem democrática na divisão do trabalho.

Cada membro associado da cooperativa passa por um período inicial de experiência em todos os setores produtivos, permitindo uma avaliação de suas habilidades e aptidões. Posteriormente, é realizada uma assembleia para determinar qual

é o melhor local de trabalho para cada associado, considerando as habilidades individuais de cada um.

Esse sistema permite que todos os associados, incluindo mulheres e mães, possam participar efetivamente da cadeia produtiva da COPAVI e sejam reconhecidos pelo trabalho que desempenham. A cooperativa garante trabalho, local seguro para as crianças, moradia, acesso à alimentação agroecológica e a segurança alimentar.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a forma de organização das trabalhadoras rurais do Assentamento Santa Maria, tendo como objetivo específico compreender o funcionamento de uma organização coletiva e a relevância do cooperativismo para as mulheres rurais. Esse estudo tem em vista destacar a importância da organização coletiva e do cooperativismo como estratégia para promover a participação e a inclusão das mulheres rurais na tomada de decisões, bem como para fortalecer sua posição social e econômica em comunidades rurais.

A metodologia utilizada neste trabalho envolveu uma revisão bibliográfica, um estudo de caso e uma visita de campo. Durante a visita, foram realizadas interações com as trabalhadoras do assentamento, incluindo conversas individuais com cada coordenadora de setor, bem como uma conversa com a cozinheira do refeitório coletivo. A visita ocorreu em 10 de agosto de 2022. Para viabilizar o deslocamento de Foz do Iguaçu a Paranacity, foi obtido apoio financeiro por meio do edital PROGRAD (Pró-Reitoria de Graduação) n.º 60/2022 da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana).

Para visitar o Assentamento Santa Maria, obteve-se autorização da COPAVI para realizar o levantamento de dados por meio de observações, conversas com os associados, captura de fotos, vídeos e anotações. Durante essa visita, foi possível presenciar um dia de trabalho na cooperativa e observar de perto as múltiplas funções desempenhadas pelas mulheres associadas.

As coordenadoras de cada setor produtivo da cooperativa disponibilizaram-se por alguns minutos para a conversa. Além disso, teve-se a oportunidade de conversar com um dos fundadores do assentamento, que trouxe um pouco da história de conquista da terra onde hoje é localizado o Assentamento Santa Maria e a COPAVI.

Após essa visita, foi mantido o contato online via *WhatsApp* (aplicativo de mensagens para celular) com uma trabalhadora do setor de apoio da COPAVI. Através

desse contato foi possível esclarecer diversas dúvidas que surgiram após a visita de campo.

Este trabalho é composto por cinco capítulos. No primeiro capítulo, é feita uma introdução ao tema abordado. No segundo capítulo, analisa-se o lugar da mulher em unidades domésticas rurais, explorando suas responsabilidades e desafios. O terceiro capítulo apresenta uma breve história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no estado do Paraná, com destaque para o Assentamento Santa Maria, em Paranacity - PR. Nesse contexto, é abordada a história do refeitório coletivo do assentamento. Além disso, é explorada a trajetória do Assentamento Santa Maria, desde sua ocupação até se tornar uma comunidade produtiva. No quarto capítulo, enfoca-se o papel das mulheres rurais como protagonistas do trabalho em rede no MST, por meio de um estudo de caso do Assentamento Santa Maria e sua relação com a Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória (COPAVI). São analisados diferentes setores, como o industrial, o de horta e sustento, a feirinha e loja física da COPAVI, e o setor da pecuária. Por fim, o quinto capítulo apresenta as considerações finais, onde são discutidas as principais conclusões e reflexões obtidas ao longo desse trabalho.

## 2 O LUGAR DA MULHER EM UNIDADES DOMÉSTICAS RURAIS

A posição e o papel das mulheres em unidades domésticas rurais podem variar significativamente conforme o contexto cultural, socioeconômico e histórico em que se encontram. No entanto, em muitas sociedades rurais tradicionais, as mulheres são frequentemente vistas como responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidados, como cozinhar, limpar, cuidar das crianças e dos idosos. Quando realizam alguma atividade agrícola, a elas são destinados trabalhos considerados leves, já para os homens, os trabalhos considerados pesados.

Maria Inez Paulilo (1987, p. 68), aponta essa reflexão em seu artigo, mostrando que *“trabalho “leve” e “pesado” são, portanto, categorias que variam segundo o sexo do trabalhador e as condições de exploração da terra nas várias regiões agrícolas.”*

É comum observar, em muitos casos, que a literatura aborda esse tema e demonstra que, mesmo quando a mulher realiza um trabalho, normalmente associado aos homens, ele é considerado leve.

Como se vê, “trabalho leve” não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo, ou de esforço. Pode ser estafante, moroso, ou mesmo nocivo à saúde — mas é “leve” se pode ser realizado por mulheres e crianças. (PAULILO, 1987, p. 70).

O trabalho da mulher em seu domicílio é invisível. A rotina das atividades desenvolvidas no lar e todas as demandas requerem longas e cansativas jornadas de trabalho e constituem alguns dos problemas que a mulher enfrenta nas unidades domésticas rurais.

A necessidade de realizar múltiplas tarefas de cuidado e trabalho doméstico pode impedir que as mulheres rurais participem plenamente da cadeia produtiva e do mercado de trabalho assalariado. Quando conseguem ingressar nesses setores, muitas vezes enfrentam a sobrecarga de duplas ou triplas jornadas de trabalho exaustivas, o que pode impactar negativamente sua saúde e bem-estar.

O modelo patriarcal naturaliza o fato dos trabalhos domésticos serem responsabilidades das mulheres. No caso das mulheres rurais, elas realizam todas as tarefas domésticas e ainda dedicam tempo à agricultura ou à pecuária. No entanto, essa contribuição é frequentemente rotulada como “ajuda” aos homens, desvalorizando o trabalho das mulheres e reforçando a ideia de subordinação feminina em relação aos

homens, conforme demonstrado por Heredia e Garcia:

Não obstante, embora as atividades que se realizam no roçado sejam consideradas trabalho por oposição às atividades próprias da casa, dentro das atividades agrícolas há algumas tarefas que são especificamente femininas, tais como a semeadura ou limpeza dos cultivos, tarefas estas que na medida em que são realizadas pela mulher perdem o caráter de trabalho e passam a ser denominadas ajuda. (HEREDIA; GARCIA, 1984, p. 31)

Essa distinção entre trabalho e ajuda baseada no gênero reflete uma desigualdade de gênero arraigada na divisão tradicional de papéis entre homens e mulheres na sociedade, na qual o trabalho das mulheres é frequentemente desvalorizado ou invisibilizado.

A organização coletiva surge como uma alternativa para superar esses modelos que desvalorizam o trabalho das mulheres rurais. Quando homens e mulheres trabalham juntos em um ambiente cooperativo, é possível alcançar uma divisão mais igualitária do trabalho e uma valorização do trabalho feminino. Um exemplo disso é o assentamento Santa Maria, que oferece oportunidades para as mulheres rurais trabalharem juntas, compartilharem recursos e conhecimentos, tomarem decisões coletivas, e serem inseridas no trabalho produtivo.

Nesse modelo de organização coletiva por meio de cooperativas, o protagonismo das mulheres rurais é fortalecido através do trabalho em rede e da divisão de tarefas, garantindo a participação de mulheres assalariadas em todas as etapas produtivas.

O trabalho em rede é uma abordagem de organização colaborativa que promove a interação entre os participantes, com ênfase na valorização da diversidade, flexibilidade e aprendizado contínuo. Na concepção da autora, o trabalho em rede realizado pelas mulheres da COPAVI é caracterizado pelos seguintes elementos: a estrutura das agrovilas, a segurança, a garantia de trabalho para todos os envolvidos, a inclusão das mães na cadeia produtiva da COPAVI, a criação de um ambiente seguro para as crianças, o acesso à alimentação agroecológica e a garantia de segurança alimentar.

Essa interpretação foi desenvolvida por meio da observação do funcionamento da COPAVI, bem como da leitura do artigo “O trabalho em rede: tecer cumplicidades e forças”, escrito por Oscar Jara Holliday.

Em síntese, o trabalho em rede implica uma cultura e uma visão de transformação e é a sua expressão. Por isso podemos falar da rede como uma cultura organizacional. Não só como uma noção geral ou teórica, mas como criação quotidiana que atravessa tanto os espaços de existência e trabalho institucionais, como os pessoais. Definitivamente, o trabalho em rede exige-nos darmos o melhor que temos, contribuindo assim para o nosso próprio crescimento enquanto pessoas. Desta maneira, podemos ser capazes de nos transformar a nós próprios enquanto pessoas, na medida em que estamos comprometidos com processos transformadores das relações sociais, económicas, políticas e culturais no contexto em que nos coube viver. (HOLLIDAY, 2013, p. 5)

Nesse sentido, o trabalho em rede vai além de uma simples colaboração entre indivíduos ou organizações, ao requerer uma mudança de mentalidade e uma participação ativa na construção de um ambiente mais inclusivo, igualitário e sustentável. Essa abordagem é um aspecto central do trabalho realizado pela COPAVI, destacando a importância da colaboração entre todos os membros da cooperativa.

Ao adotar o trabalho em rede, a COPAVI valoriza a interação e a cooperação entre seus associados, buscando potencializar a diversidade de conhecimentos e habilidades de cada um.

O trabalho em rede é a base que sustenta todas as ações realizadas no assentamento Santa Maria e é essencial para o sucesso da COPAVI.

O próximo capítulo trará uma abordagem sobre a história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no estado do Paraná, explorando também os movimentos sociais rurais e esclarecendo as distinções entre assentamentos coletivos e individuais.

### **3 MOVIMENTOS SOCIAIS RURAIS: BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA NO ESTADO DO PARANÁ**

De acordo com Fernandes (2005), os movimentos sociais rurais representam a organização socioterritorial de camponeses, agricultores familiares sem terra e trabalhadores rurais assalariados, visando reivindicar direitos relacionados à posse da terra, ao emprego e às condições de trabalho e salário.

Chagas (2022) ressalta que os movimentos sociais rurais no Brasil ganharam impulso nas décadas de 1960 e 1970 devido à Revolução Verde, a qual resultou na substituição da mão de obra humana por máquinas no campo, desencadeando um intenso êxodo rural. A partir desse momento, agricultores de todo o país passaram a se organizar em movimentos, com o objetivo de lutar pelo direito à terra.

Segundo Chagas (2022), outro fato importante ocorreu no final da década de 1970, com o início das obras da barragem da Usina Hidrelétrica de Itaipu em Foz do Iguaçu, que ocasionou a desapropriação de centenas de pessoas. A construção da barragem resultou na formação de um vasto reservatório, alagando uma área de aproximadamente 1.350 km<sup>2</sup> e afetando diversas comunidades e propriedades rurais na região.

Em 1984, por meio do apoio da CPT (Comissão Pastoral da Terra), representantes dos movimentos sociais e territoriais, sindicato dos trabalhadores rurais e outras entidades se reuniram em Cascavel, Paraná, para o primeiro encontro nacional dos trabalhadores rurais sem-terra, visando à implementação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), conforme destacado por Chagas (2022).

Em julho de 1982, na cidade de Medianeira, localizada no Estado do Paraná, ocorreu o Encontro Regional de lideranças de vários estados do país, como São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esse encontro teve como objetivo discutir assuntos pertinentes para organização do MST em nível nacional. Todos os trabalhadores rurais presentes se contrapunham ao modelo econômico imposto naquela época, pois atendia somente aos interesses dos grandes empresários e latifundiários. A partir desse e de outros encontros de lideranças promovidos pelo MST, foi organizado oficialmente o Primeiro Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em janeiro de 1984, na cidade de Cascavel, no Paraná, que reuniu trabalhadores rurais provenientes de vários estados do país e também associações apoiadoras da causa, como a Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) (CALZA, 2022, p. 32-33).

Atualmente, no estado do Paraná, ainda ocorre uma intensa disputa por

áreas de terra, onde a agricultura familiar desempenha um papel fundamental na produção de uma diversidade de alimentos que chegam às mesas dos brasileiros. Essa agricultura familiar enfrenta desafios como o monocultivo intensivo, a exploração excessiva da terra e a insegurança alimentar.

O MST se abriga no Art. 184 da Constituição Federal de 1988 para realizar suas ações como grupo:

Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei (BRASIL, 1988).

Segundo o MST (2022), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é reconhecido como um importante movimento social brasileiro que tem como objetivo principal lutar pela reforma agrária e por melhores condições de vida para os trabalhadores rurais sem terra. O MST está presente em 24 estados nas cinco regiões do país, sendo considerado um dos maiores e mais significativos movimentos sociais da América Latina. Ao longo de sua trajetória, o movimento contribuiu para a conquista da terra por aproximadamente 450 mil famílias, resultado da luta e organização dos trabalhadores rurais. Vale ressaltar que, mesmo após a conquista dos assentamentos, essas famílias permanecem unidas e organizadas no MST, por compreenderem que a obtenção da terra é apenas o primeiro passo em direção à efetivação da Reforma Agrária.

Existem dois tipos de assentamentos do MST, os coletivos e os individuais, que se distinguem na forma como a produção agrícola e a organização social. Nos assentamentos coletivos, as famílias assentadas trabalham em conjunto em todas as etapas, desde o plantio até a comercialização dos produtos. Geralmente, estabelecem cooperativas e as residências são organizadas em agrovilas, promovendo a cooperação e o compartilhamento de recursos. Por outro lado, nos assentamentos individuais, cada família recebe um lote de terra, tendo autonomia para decidir o que será cultivado e comercializado, operando de forma mais independente.

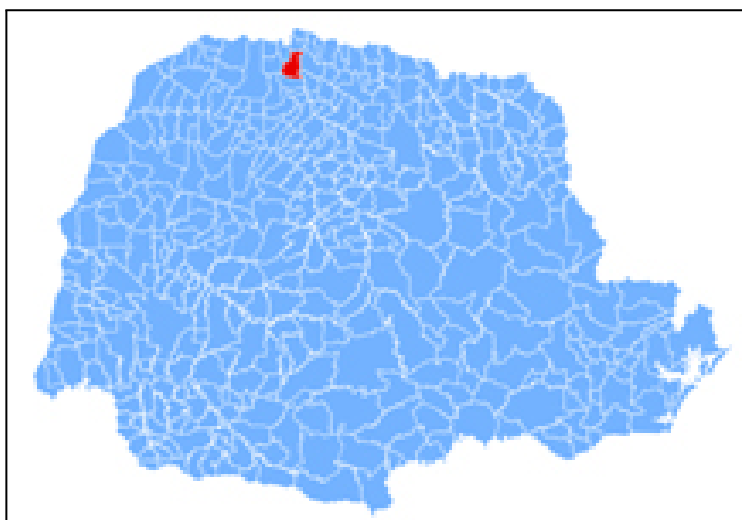
Os assentamentos rurais baseados no modelo de uso individual realizam a distribuição de terras na proporção de um lote por família assentada e a exploração e comercialização individualizada entre eles. Enquanto os assentamentos coletivos têm como base o modelo cooperativista, pautado no uso e na exploração coletiva da terra (CALZA, 2022, p. 19).

Tanto os assentamentos coletivos quanto os individuais possuem vantagens e desvantagens, que variam conforme o contexto e as necessidades das famílias envolvidas. O MST tem em vista utilizar ambos os modelos para atender às demandas específicas de cada grupo de famílias assentadas.

### 3.1 HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO SANTA MARIA, EM PARANACITY — PR

O Assentamento Santa Maria é uma área de reforma agrária situada no município de Paranacity, que abrange uma extensão de 232 hectares. Localizado no noroeste do estado do Paraná, Brasil (Figura 1), o assentamento é uma importante referência na região.

**Figura 1** – Localização do município de Paranacity — PR



**Fonte:** IPARDES, 2022

A cidade de Paranacity está localizada no sul do Brasil, no estado do Paraná, a uma distância aproximada de 496,74 km da capital do estado, Curitiba. De acordo com dados do IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social) de 2022, a cidade possui uma área territorial total de 347,801 km<sup>2</sup>. O último censo demográfico realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2022 registrou uma população de 11.685 habitantes em Paranacity.

Paranacity faz divisa com outras cidades da região, incluindo

Paranapanema, Colorado, Lobato, Cruzeiro do Sul, São João do Caiuá e Inajá (Figura 2).

**Figura 2** – Limites da cidade de Paranacity — PR



**Fonte:** IPARDES, 2022

O assentamento Santa Maria está localizado às margens da rodovia PR-464, uma das vias principais que atravessa a cidade de Paranacity. Sua localização é altamente acessível, a apenas 2 km do centro da cidade, e a rodovia que conduz ao assentamento é asfaltada. Ao adentrar o assentamento, a estrada deixa de ser asfaltada, transformando-se em uma via rural.

O assentamento Santa Maria foi estabelecido em 19 de janeiro de 1993, quando as primeiras famílias ocuparam a área, acampando sob lonas pretas, antes de serem oficialmente assentadas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Anteriormente, a área era ocupada por um latifúndio exclusivamente dedicado ao cultivo de cana-de-açúcar.

O princípio da cooperação no assentamento Santa Maria surgiu desde o período de acampamento e continua presente até hoje. Em 10 de julho de 1993, foi fundada a COPAVI (Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória), que adotou desde o início o modelo de organização coletiva. Esse modelo é caracterizado pela convivência intensa entre as famílias e pelo trabalho coletivo, tornando-se uma forma de organização mais complexa.

A complexidade está relacionada ao fato de que, dentro do MST, muitos produtores rurais têm uma visão voltada para a agricultura familiar, considerando a terra

como um recurso para benefício exclusivo de suas famílias. Nesse sentido, a conquista de uma parcela de terra própria garante autonomia na tomada de decisões. Por outro lado, a concepção de coletividade requer a formação de uma ideia compartilhada e a vontade das pessoas de se unirem coletivamente por iniciativa própria.

O MST incentiva a formação de coletivos, associações ou cooperativas para facilitar a compra de máquinas, a industrialização e a comercialização dos produtos. A dificuldade está em manter a organização coletiva após a conquista da terra. A citação a seguir de Rui Namorado coloca em destaque a essência do cooperativismo, baseada na cooperação voluntária e no princípio da igualdade:

A adesão a uma sociedade cooperativa deve ser voluntária e aberta a todas as pessoas que possam fazer uso dos seus serviços e aceitem as responsabilidades inerentes à sua filiação; não deve haver restrições artificiais nem discriminações sociais, políticas, raciais ou religiosas (NAMORADO, 1995, p.151).

Na COPAVI, essa coletividade está em funcionamento há 30 anos, e todos os membros estão ali por escolha própria. A concepção do coletivo e da terra coletiva dentro da COPAVI é resultado do esforço conjunto de todos os moradores do Assentamento Santa Maria.

O INCRA propõe emitir títulos de propriedade em nome de cada família assentada, ou seja, realizar a titulação individual. No entanto, os moradores do Assentamento Santa Maria não estão interessados nessa abordagem. Em vez disso, eles reivindicam a titulação coletiva, ou seja, desejam que a propriedade seja registrada em nome da COPAVI.

A titulação coletiva ainda é pouco utilizada pelo INCRA, mas no caso do Assentamento Santa Maria, os moradores têm uma preferência pela titulação coletiva devido a diversos fatores, tais como:

- Preocupação com a possibilidade de enfraquecimento da organização coletiva caso optem pela titulação individual;
- Famílias que priorizam suas próprias terras em detrimento do bem-estar da comunidade na totalidade;
- Receio de que a cooperação e solidariedade entre os assentados diminuam, comprometendo sua capacidade de se organizarem coletivamente para alcançar objetivos comuns;
- Risco de brechas para a venda ou locação das terras a terceiros, o que poderia comprometer os objetivos da COPAVI.

Por esses motivos, os assentados optam pela titulação coletiva, mantendo a propriedade da terra em nome da COPAVI, ao invés de realizar a titulação individual.

No assentamento Santa Maria, houve uma rotatividade de famílias moradoras da agrovila, sendo que algumas delas vieram de outros assentamentos, porém não se adaptaram à dinâmica e partiram. Ao mesmo tempo, outras famílias chegaram, conheceram a proposta do assentamento Santa Maria e conseguiram permanecer e se ajustar ao funcionamento desse modelo de assentamento coletivo.

Essa dificuldade de adaptação pode ser atribuída à familiaridade das famílias com o modelo de agricultura familiar, o qual geralmente envolve um trabalho mais individualizado e uma menor interação com outras famílias. No contexto do assentamento coletivo, é necessário um ajuste para que as famílias se acostumem a trabalhar em conjunto e compartilhar responsabilidades com outras famílias, o que pode demandar tempo e esforço de adaptação.

Durante a conversa com um dos fundadores do Assentamento Santa Maria, uma reflexão foi compartilhada: *“Se a COPAVI fosse um assentamento individual, com certeza não teria laticínio, não teria uma indústria desse porte, não teria nada, apenas a terra.”* Essa afirmação destaca como a organização coletiva possibilitou a criação de uma agroindústria de laticínios, uma agroindústria de açúcar e álcool, bem como a diversificação da produção hortícola, a existência de um refeitório coletivo e uma creche. Esses empreendimentos geraram empregos e renda para os assentados, ao mesmo tempo, em que fortaleceram a economia local. Sem a estrutura coletiva, alcançar esses resultados individualmente seria mais difícil devido às limitações financeiras e técnicas para investir na criação de agroindústrias e na diversificação da produção e comércio.

### 3.1.1 Da ocupação à produção: a trajetória do Assentamento Santa Maria

No início da ocupação em 1993, a área onde se encontra o assentamento Santa Maria hoje, abrigava uma antiga usina de cana-de-açúcar que já havia sido desapropriada, mas ainda estava legalmente registrada como propriedade da usina. Um grupo reduzido de famílias, composto por 16 pessoas de diferentes regiões do Brasil, decidiu ocupar essa área, o que gerou um conflito direto com a usina. A situação foi bastante desafiadora, por não haver nenhuma infraestrutura disponível para apoiar as

famílias no local.

No início, as famílias acamparam sob a única árvore existente no local, pois a área era ocupada apenas pelo monocultivo de cana-de-açúcar, sem outras árvores. Hoje, todas as árvores presentes no Assentamento Santa Maria foram plantadas pelas primeiras famílias que se estabeleceram ali.

Durante a ocupação, os barracos foram alojados e cobertos com lona preta, símbolo que representa o movimento de luta pela reforma agrária e pelos direitos dos trabalhadores rurais no Brasil.

Durante um ano, as famílias resistiram, mantendo uma ocupação irregular até que o INCRA formalizasse a ocupação, tornando oficialmente o Assentamento Santa Maria.

A Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória (COPAVI) teve sua origem nos primeiros meses da ocupação, quando os trabalhos realizados pela cooperativa consistiam principalmente em diárias fora do assentamento, a fim de garantir a sobrevivência. Os diaristas eram contratados por proprietários rurais das cidades de Paranacity e arredores, para períodos de trabalho curtos que variavam de um dia a algumas semanas. Essas tarefas incluíam atividades como plantio, colheita ou poda.

As primeiras atividades que começaram a gerar lucro para a cooperativa foram a produção de leite e a horta. Na época, em 1994, o INCRA disponibilizou um auxílio habitacional, no qual cada família recebeu uma única parcela de aproximadamente R\$ 300,00. Com esse recurso, foi possível dar entrada no primeiro trator do Assentamento Santa Maria.

Após alguns anos, foi obtido um recurso maior pelo INCRA para a reforma das casas, permitindo que as famílias melhorassem suas moradias de alguma forma. Além disso, através da COHAPAR (Companhia de Habitação do Paraná), foi obtido recursos que possibilitaram a construção de mais cinco casas na agrovila. Com isso, o total de casas no assentamento alcançou 25, sendo que 24 são utilizadas como moradias e uma é destinada a uma escolinha para os filhos dos associados.

No que diz respeito a outras obras no assentamento, como a aquisição de materiais, equipamentos, máquinas e animais, bem como a construção de um barracão para as fábricas, elas foram realizadas por meio de financiamentos concedidos pelo INCRA. Esses financiamentos permitiram o pagamento parcelado das compras. No entanto, o valor recebido por meio desses financiamentos sempre foi inferior ao necessário para a conclusão total dos projetos, impossibilitando sua implementação

integral.

Atualmente, após 30 anos de existência do Assentamento Santa Maria, ainda são realizados financiamentos para as estruturas da cooperativa. No ano de 2021, o assentamento obteve um financiamento de R\$ 2 milhões destinado à indústria de beneficiamento da cana-de-açúcar, com uma parcela mensal no valor de R\$ 50 mil. Além dessa dívida, o assentamento também possui um financiamento com o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), no qual são pagos aproximadamente R\$ 400 mil anualmente.

A maioria dos financiamentos é realizada por meio de pessoas físicas, ou seja, um associado assume a responsabilidade de obter o financiamento junto ao banco, e todos os membros do assentamento contribuem mensalmente para o pagamento das parcelas. Essa abordagem foi adotada devido à dificuldade de os bancos concederem crédito diretamente à COPAVI. A alternativa encontrada pela cooperativa foi buscar crédito por meio de pessoas físicas, o que se mostrou eficaz.

Essa dificuldade ocorre porque os bancos geralmente exigem garantias para mitigar os riscos dos empréstimos. No caso de pessoas físicas, pode ser mais fácil fornecer garantias, como imóveis ou veículos, que são ativos considerados de fácil avaliação e venda em caso de inadimplência. Para cooperativas de pequenas, pode ser mais desafiador apresentar garantias aceitáveis para os bancos, tornando o processo de obtenção de financiamento mais complexo.

De acordo com Czcza (2020), foi observado que, nessa área anteriormente dedicada exclusivamente ao cultivo de cana-de-açúcar em larga escala, ocorreu uma transformação significativa ao longo desses 30 anos. Atualmente, graças ao trabalho de 26 famílias camponesas Sem Terras, os 232 hectares de terra são utilizados para a produção agroecológica. Nesse sistema, são obtidas anualmente 350 toneladas de açúcar mascavo, 80 toneladas de melado de cana, 8 mil litros de cachaça, 10 mil quilos de panificados, 85 mil litros de leite e iogurte, 15 toneladas de hortaliças e 7 toneladas de feijão, mandioca e batata-doce.

Em relação às áreas de lazer, o Assentamento Santa Maria conta com duas cachoeiras utilizadas pelos moradores. No entanto, um dos fundadores do assentamento, atualmente aposentado das atividades da COPAVI, reivindica a criação de mais áreas de lazer no assentamento. Ele destaca que durante o período de pandemia, ficou evidente a necessidade de ter espaços de lazer onde todos os trabalhadores pudessem descansar e se divertir com suas famílias, sem precisar sair do assentamento.

Atualmente, a prefeitura de Paranacity está iniciando um projeto no município para identificar potenciais locais turísticos. Alguns funcionários da prefeitura já entraram em contato com a COPAVI e realizaram uma visita para registrar fotos e avaliar possíveis locais turísticos. Isso se deve ao fato de que o assentamento recebe muitas visitas de pessoas de outras cidades, bem como de instituições locais, como estudantes de escolas municipais, estaduais e da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Paranacity.

### 3.1.2 História do Refeitório Coletivo

A história do refeitório coletivo do Assentamento Santa Maria remonta aos primeiros anos de ocupação. Em 1993, as famílias viviam em barracos e precisavam se organizar para garantir a alimentação diária. Na época, surgiram três cozinhas coletivas improvisadas sob lonas, que ao longo do tempo foram aprimoradas e se tornaram uma prática estabelecida na vida das famílias do assentamento.

O refeitório coletivo do Assentamento Santa Maria visa garantir uma alimentação de qualidade e saudável para todos os assentados e trabalhadores, promovendo a integração e a convivência entre os moradores e visitantes. Além disso, sua existência proporciona uma maior independência, especialmente para as mulheres, que historicamente são responsáveis pela preparação das refeições familiares. Com o refeitório coletivo, as mulheres do Santa Maria têm mais tempo disponível para se dedicarem a outras atividades, como as produtivas e de organização comunitária.

No assentamento Santa Maria, as aquisições de produtos no mercado são realizadas de duas maneiras distintas: as compras para o refeitório são realizadas coletivamente, enquanto as compras individuais são responsabilidade das famílias. Essa diferenciação é feita visando garantir que as famílias sejam responsáveis pela administração de seus próprios recursos financeiros, evitando a perda do senso de valor dos produtos no mercado. Nesse sentido, a decisão da COPAVI de manter as compras individuais das famílias é embasada nesse princípio.

No refeitório coletivo, as famílias pagam o valor de custo dos itens adquiridos externamente ao assentamento, ou seja, aqueles que não são produzidos pela COPAVI.

Inicialmente, não havia nenhum custo associado às refeições no refeitório

coletivo. No entanto, identificou-se um desperdício de alimentos, levando à realização de uma assembleia para estabelecer um valor de aproximadamente 7 reais por quilo. Atualmente, é raro presenciar desperdício de comida, evidenciando os pequenos ajustes implementados ao longo dos 30 anos de funcionamento do refeitório coletivo.

O refeitório coletivo do assentamento Santa Maria se destaca por adotar os princípios da agroecologia, incentivando a produção de alimentos orgânicos e representando uma conquista notável para as famílias assentadas. Além de proporcionar uma alimentação saudável, o refeitório é um exemplo da capacidade de organização e cooperação das famílias, que unem esforços para superar desafios e aprimorar as condições de vida no campo.

Após três décadas, esse mesmo local se transformou no ponto de encontro das famílias do assentamento Santa Maria, onde compartilham momentos de convívio durante cafés da manhã e almoços. Nas fotos a seguir, é possível visualizar o espaço onde o refeitório coletivo está localizado.

### **Fotografia 1 – Refeitório Coletivo: Cozinha do Assentamento Santa Maria**



**Fonte:** A autora, 2022

**Fotografia 2** – Cozinha do Refeitório Coletivo do Assentamento Santa Maria



**Fonte:** A autora, 2022

**Fotografia 3** – Área Interna do Refeitório Coletivo do Assentamento Santa Maria

**Fonte:** A autora, 2022

O salão destinado às refeições é multifuncional, servindo como espaço para atividades festivas e físicas, como alongamento e ioga, durante os encontros organizados pelo grupo de mulheres.

Nesse espaço, são exibidos os presentes trazidos por visitantes ao Assentamento Santa Maria, incluindo a bandeira da Venezuela pendurada na parede. Em diferentes pontos do local, também são notadas bandeiras de outros países e movimentos sociais, como a bandeira do Movimento dos Atingidos por Barragens e a bandeira de Cuba.

**Fotografia 4 – Área Externa do Refeitório Coletivo do Assentamento Santa Maria**

**Fonte:** A autora, 2022

O refeitório coletivo do assentamento Santa Maria oferece uma opção saudável de alimentação a preço de custo para todas as trabalhadoras e trabalhadores. As verduras consumidas no refeitório são produzidas localmente e não têm custo adicional. O valor do almoço é estabelecido em cerca de 7 reais por quilo descontado mensalmente na folha de pagamento de cada cooperado. Esse custo refere-se apenas ao valor dos alimentos comprados no mercado, pois a mão de obra da cozinheira e o gás utilizado na cozinha são cobertos pelo setor administrativo da COPAVI.

No refeitório coletivo, o café da manhã é oferecido pelo valor de R\$ 10,00 por quilo, refletindo um custo ligeiramente mais elevado comparado ao almoço. Esse valor se deve ao aumento do preço do café nos mercados. Essa refeição está disponível diariamente a partir das 6h da manhã, assim como às 16h. Embora os trabalhos na cooperativa tenham início às 7h, nem todos os trabalhadores optam por tomar o café no refeitório, pois alguns preferem desfrutar desse momento em casa ao lado de seus familiares.

Em média, uma família composta por três pessoas (dois adultos e uma criança) estima gastar aproximadamente 200 reais por mês em almoços no refeitório coletivo e 100 reais por mês em café da manhã. É importante destacar que esses valores são apenas uma estimativa, podendo variar conforme o número de integrantes de cada família.

#### **4 MULHERES RURAIS COMO PROTAGONISTAS DO TRABALHO EM REDE NO MST: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO SANTA MARIA**

Ao longo da história, as sociedades patriarcais estabeleceram papéis de gênero distintos para homens e mulheres. Tradicionalmente, às mulheres eram atribuídas as responsabilidades relacionadas às tarefas domésticas e aos cuidados com a família, atividades consideradas mais leves, enquanto aos homens cabia o trabalho agrícola, caracterizado como pesado.

No Assentamento Santa Maria, não há uma divisão de trabalho baseada no gênero. O modelo organizacional adotado pela COPAVI, de assentamento coletivo, estabelece que a responsabilidade de cuidar das crianças e cozinhar para todos no refeitório coletivo seja atribuída a uma pessoa designada e assalariada. Esse modelo tem um impacto significativo na vida das mulheres rurais, permitindo que elas não se restrinjam exclusivamente a essas tarefas em casa, mas se envolvam em outras atividades produtivas na cooperativa.

Atualmente, as mulheres desempenham funções de coordenação em todos os setores produtivos da COPAVI, com exceção do setor pecuário. Além disso, ocupam cargos nas diretorias. É importante destacar que as mulheres estão envolvidas em todas as atividades do assentamento, desde trabalhar com tratores até atuar no setor agroindustrial, incluindo as caldeiras.

A organização e o funcionamento do assentamento são realizados por meio de um Conselho Deliberativo, no qual a COPAVI desempenha a função de administração de todas as atividades.

O trabalho é dividido em quatro setores seguindo a seguinte estrutura:

- Industrial, coordenado por uma mulher;
- Pecuária, coordenado por um homem;
- Horta e Sustento, coordenado por uma mulher;
- Setor de Apoio, coordenado por uma mulher;

Além desses setores, existem dois núcleos de base responsáveis pelas tomadas de decisões sociais e pela organização de atividades festivas.

A agrovila do Assentamento Santa Maria é organizada em dois núcleos de base que se reúnem para tomar decisões relacionadas a questões gerais do assentamento. Essas decisões são tomadas coletivamente, e caso não haja consenso entre os dois núcleos, é convocada uma assembleia para tomar a decisão final. Nesse

processo, são levantadas propostas que passam pelo conselho deliberativo antes de retornarem aos núcleos para discussão. No que diz respeito às decisões relacionadas à produção, estas são tomadas pelos respectivos setores produtivos.

Além dos núcleos de base, o Assentamento Santa Maria conta com outros espaços e grupos específicos. Entre eles, destacam-se o refeitório coletivo, a padaria e a creche. Além disso, existem grupos dedicados a temas específicos, como o grupo de pais, que promove diálogos sobre assuntos relacionados às crianças, e o grupo de mulheres, que realiza encontros e atividades como, por exemplo, sessões de ioga.

Todos os moradores do assentamento são capacitados em todas as áreas por meio de um período de experiência ao se associarem à COPAVI. A intenção é que cada futuro associado participe de todas as atividades realizadas pela cooperativa e adquira conhecimentos nas diferentes áreas produtivas. Isso inclui aprender a fazer iogurte, queijo e empacotar leite, realizar a ordenha das vacas, lidar com o gado e a horta, compreender as etapas da agroindústria de cana-de-açúcar, colaborar na padaria, preparar refeições para todos os moradores no refeitório coletivo, realizar vendas e executar tarefas administrativas no escritório.

Após o período de experiência, com duração média de 3 meses, é realizada uma avaliação por meio de uma assembleia, na qual ocorre uma votação para determinar o local de trabalho mais adequado para cada novo assentado. Essa avaliação também considera a contribuição positiva do novo integrante como associado da COPAVI.

Ao se associar à COPAVI, o novo membro passa a desfrutar dos mesmos direitos e responsabilidades dos associados antigos. Isso inclui o direito de adquirir alimentos a preço de custo, receber leite e hortaliças gratuitamente, além da possibilidade de obter açúcar mascavo a granel e melado sem custo adicional. No entanto, é importante ressaltar que o açúcar mascavo e o melado só terão custo se o associado optar por retirá-los diretamente na loja. Porém, há a alternativa de levar seu próprio recipiente e adquirir açúcar a granel e melado diretamente da fábrica, sem incorrer em custos adicionais. Os itens essenciais para as famílias associadas não são cobrados aos associados

A COPAVI enfrentou diversos desafios ao longo de seus 30 anos no Assentamento Santa Maria. No entanto, hoje em dia, a cooperativa se estabeleceu como uma agroindústria sólida. Cada setor e processo foi desenvolvido gradualmente, evidenciando o potencial do sistema de assentamento coletivo e do cooperativismo.

Na COPAVI, há um compromisso contínuo em capacitar os residentes do

assentamento. Todos os jovens e adultos que deixam o assentamento em busca de formação universitária recebem apoio financeiro dos moradores locais por meio de economia solidária. Atualmente, existem dois jovens nessa situação, além de uma idosa que está cursando Enfermagem na UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) em Foz do Iguaçu, graças ao PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária). O PRONERA é um programa que auxilia o acesso universitário para jovens do meio rural.

Os jovens que concluem a graduação e retornam ao assentamento têm a garantia de emprego dentro da COPAVI. Um exemplo disso é uma moradora do assentamento que se formou em fevereiro de 2022 em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por meio do PRONERA. Após passar 5 anos longe de casa, ela retornou e agora trabalha na área de pecuária dentro da COPAVI.

No assentamento, existem crianças que não conseguiram vagas na creche municipal. Para atender a essa demanda, foi criado um espaço chamado “escolinha” no assentamento, onde duas cuidadoras são contratadas. Esse espaço oferece uma solução conveniente para as mães, que podem deixar seus filhos na escolinha e participar de outras atividades no assentamento, envolvendo-se na cadeia produtiva e contribuindo nas discussões e decisões relacionadas ao assentamento.

Um exemplo é o caso da cozinheira do refeitório coletivo, com uma filha de 1 ano e 5 meses. O bebê é cuidado em um CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) da cidade durante todo o dia. Por outro lado, a outra filha, de 6 anos, frequenta a escolinha do assentamento no período da manhã das 7h às 12h. Já no período da tarde, ela vai para a escola municipal. Durante a visita realizada em agosto de 2022, a escolinha do assentamento atendia 4 crianças pela manhã e outras 4 crianças durante a tarde.

No assentamento, cada indivíduo desempenha uma função específica, e existe um responsável designado para levar e buscar as crianças que frequentam o colégio municipal da cidade. Essa atividade é fundamental para facilitar a vida dos pais, pois apenas uma pessoa se encarrega de cuidar do transporte de todas as crianças, reduzindo o trabalho e o tempo necessário para isso. Além disso, nem todos no assentamento possuem carteira de motorista ou veículo próprio, tornando o serviço de transporte fornecido pelo assentamento ainda mais importante. Dessa forma, as crianças são transportadas com segurança por alguém habilitado, garantindo sua proteção durante o trajeto.

O trabalho em rede é fundamental para o sucesso da COPAVI e do

Assentamento Santa Maria. Essa união pode ser vista desde a estrutura da agrovila até a segurança, o fornecimento de emprego para todos e, principalmente, as oportunidades de trabalho para as mães, promovendo a inclusão social, aumentando a renda familiar e criando uma cultura de igualdade de gênero. Além disso, o trabalho em rede também garante um ambiente seguro para as crianças, acesso a alimentos agroecológicos e segurança alimentar. Todos esses fatores contribuem para proporcionar conforto às famílias que residem no assentamento, demonstrando os resultados positivos alcançados por meio da colaboração em rede.

#### 4.1 AS TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA COPAVI — COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA VITÓRIA

O primeiro contato estabelecido com o Assentamento Santa Maria ocorreu por meio da página do Instagram da COPAVI. A comunicação formal foi estabelecida por e-mail e WhatsApp, através dos quais acordamos a data da visita.

Após o primeiro contato, foi elaborado um roteiro para abordar os assuntos durante a visita ao Assentamento Santa Maria. A proposta não consistia em conduzir uma entrevista com perguntas e respostas, mas sim em ter uma conversa sobre determinados temas, tais como a divisão das tarefas na cooperativa, o papel desempenhado pelas mulheres na COPAVI, a importância do refeitório coletivo e como a organização coletiva se mantém ao longo dos 30 anos de existência do Assentamento Santa Maria.

No planejamento da viagem, foi considerado inicialmente o transporte público, como ônibus. Após realizar algumas pesquisas na internet, constatou-se que não havia uma linha direta de ônibus que possibilitasse chegar de Foz do Iguaçu a Paranacity. Isso resultaria em uma viagem mais demorada do que o necessário, já que seria preciso chegar primeiro a Londrina ou Maringá e, em seguida, pegar outro ônibus para Paranacity.

Foi possível obter um carro e, em 9 de agosto de 2022, partiu-se de Foz do Iguaçu com destino a Paranacity, percorrendo uma distância de 480 quilômetros. Durante a viagem, próximo a Maringá, foram avistadas algumas agroindústrias ao longo do caminho. Uma noite foi passada em Maringá e, na manhã seguinte, foi necessário percorrer aproximadamente 1 hora e 30 minutos de estrada para chegar a Paranacity, no

Assentamento Santa Maria.

Ao chegar, a primeira coisa avistada foi a agrovila, com as casas dos moradores do Assentamento. Diferentemente de pequenas chácaras, as casas são construídas mais próximas umas das outras, visando facilitar as reuniões, as atividades comunitárias e a dinâmica, além de proporcionar segurança para todos.

A recepção foi feita por uma trabalhadora da COPAVI, a mesma com quem houve contato pelo WhatsApp no primeiro momento. Residente no Assentamento Santa Maria há 15 anos, ela desempenha funções administrativas no setor de apoio da COPAVI. Ela mencionou ter vindo de um assentamento no estado da Paraíba, localizado no nordeste do Brasil.

Ela se disponibilizou a apresentar o funcionamento de um dia de trabalho da COPAVI e apresentou a todas as trabalhadoras. Nesses momentos, pôde-se conversar com trabalhadoras e trabalhadores de todos os setores.

#### 4.1.1 Setor Industrial

Nesse setor, é realizado o beneficiamento da cana-de-açúcar, resultando em cachaça, açúcar mascavo e melado. Cada etapa do processo foi apresentada, desde a moagem, a fermentação, a destilação, o envelhecimento em barris de madeira, a filtração, o envase e, por fim, o embalagem para transporte e venda.

A fotografia 5 mostra a estrutura conhecida como dornas. Feitas de aço inoxidável, são utilizadas na etapa de fermentação do caldo de cana. Essa fermentação é realizada por leveduras, adicionadas ao caldo da cana nas dornas. Esse processo tem uma duração aproximada de 72 horas.

**Fotografia 5** – Dornas utilizadas para fermentação do caldo da cana



**Fonte:** A autora, 2022

O resultado da fermentação é direcionado para a estrutura conhecida como cebolão (fotografia 6), utilizado na etapa de destilação da cachaça. O cebolão desempenha o papel de controlar a temperatura no interior do alambique, assegurando que o processo de destilação seja conduzido com segurança e eficiência.

**Fotografia 6** – Cebolão utilizado para destilação do caldo de cana



**Fonte:** A autora, 2022

Após a destilação, a cachaça é armazenada em barris de madeira para o processo de envelhecimento. Na COPAVI, são utilizados três tipos distintos de barris: carvalho, amburana e bálsamo. Durante o envelhecimento, a cachaça absorve os aromas e sabores provenientes da madeira. O período de envelhecimento pode variar desde alguns meses até vários anos.

Após completar o seu ciclo de envelhecimento, a cachaça é engarrafada e está pronta para ser vendida. O quadro a seguir apresenta algumas características das cachaças produzidas em diferentes tipos de barris da COPAVI:

**Quadro 1** – Características das cachaças produzidas na COPAVI

<b>Barril</b>	<b>Características da Cachaça Camponeses</b>
Carvalho	Cor amarelo dourado; sabor suave e menos picante;
Amburana	Cor amarelo-claro; sabor adocicado e textura suave;
Bálsamo	Cor acobreada; sabor amadeirado e especiado;
Prata	Não envelhecida em barril. Cor transparente; sabor mais forte e picante.

Fonte: A autora, 2022

**Fotografia 7** – Local de armazenamento dos barris de carvalho, amburana e bálsamo

Fonte: A autora, 2022

**Fotografia 8 – Barril de carvalho**

**Fonte:** A autora, 2022

A produção de cachaça na COPAVI não ocorre de forma contínua, uma vez que envolve múltiplos processos. Há um período dedicado à plantação e cultivo da cana-de-açúcar, seguido pela colheita e subsequente beneficiamento para a produção da cachaça, que então é direcionada ao estoque. A próxima produção terá início após a próxima colheita.

As produções de cachaça e açúcar possuem certificação Orgânica pela Rede Ecovida de Agroecologia e para a exportação para União Europeia pelo IBD certificações (Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural). A exportação acontece mediante uma parceria entre outros assentamentos e cooperativas, como a Coopermate (Cooperativa de Reforma Agrária e Erva Mate).

O Assentamento Santa Maria mantém uma boa relação com os moradores de Paracity. Tendo em vista que a área do assentamento fica próxima ao centro da cidade, os moradores de Paracity optam por adquirir a cachaça diretamente

na cooperativa, devido ao preço muito mais acessível. Atualmente, nos mercados de Paranacity, a Cachaça Camponeses é vendida por R\$ 58, enquanto na lojinha do assentamento, a mesma cachaça é comercializada por R\$ 22, resultando em uma diferença de R\$ 36.

Além disso, a venda da cachaça também ocorre nos estabelecimentos comerciais locais de Paranacity e pelo Armazém do Campo em Maringá

A fotografia 9 apresenta a embalagem da edição especial da cachaça Camponeses, desenvolvida em colaboração com o Coletivo LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e +) do MST.

**Fotografia 9** – Edição especial de cachaça da COPAVI em combate à LGBTFobia



Fonte: A autora, 2022

#### 4.1.2 Almoço no Refeitório Coletivo

Após a visita ao setor industrial, fez-se uma pausa para participação do almoço no Refeitório Coletivo. A fotografia 10 mostra os trabalhadores da COPAVI em fila, aguardando para se servir.

**Fotografia 10** – Trabalhadores da COPAVI alinhados em fila para o almoço.



**Fonte:** A autora, 2022

O dia amanheceu frio, registrando uma temperatura de 10 °C. Diante do clima gelado, todos os moradores e trabalhadores da COPAVI encontravam-se

devidamente agasalhados enquanto aguardavam na fila para a hora do almoço. O cardápio incluía uma saborosa sopa de legumes e carne, acompanhada por uma fatia de pão. O aroma que vinha da cozinha anunciava que a refeição seria deliciosa. Cerca de 35 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, se reuniram para o almoço.

Ao participar desse momento, percebeu-se a presença de um espaço destinado às crianças no refeitório, não por imposição, mas por escolha delas próprias, na área externa do refeitório coletivo. Já os adultos organizam-se em mesas, agrupados por suas famílias.

Logo após a refeição, cada indivíduo assumiu a responsabilidade de lavar os pratos e talheres utilizados, conforme evidenciado nas fotografias 9 e 10.

### Fotografia 11 – Comunicado fixado na parede externa do refeitório coletivo



Fonte: A autora, 2022

A prática de lavar a louça após cada refeição é altamente valorizada na COPAVI, contando com a participação de todos para a preservação de um ambiente limpo e organizado.

**Fotografia 12** – Trabalhadora da COPAVI lavando seu prato após o almoço



**Fonte:** A autora, 2022

As refeições são servidas de segunda a sexta-feira no refeitório coletivo. No entanto, o jantar e as refeições durante os finais de semana não ocorrem no refeitório, sendo uma opção das famílias desfrutarem desses momentos em suas próprias residências. Alguns moradores aproveitam as sobras do almoço para compartilhar o jantar com seus familiares em casa.

#### 4.1.3 Setor de Horta e Sustento

Durante a visita ao setor de Horta e Sustento, ocorreu uma conversa com a responsável por essa área. Ela detalhou o funcionamento da horta, explicando a dinâmica de plantio, e ressaltou a escassez de mão de obra atualmente. No momento, o trabalho nesse setor conta com o apoio de quatro mulheres, um homem e a participação dos adolescentes, que estão sendo integrados à área produtiva da cooperativa. Esses jovens iniciam sua trajetória no setor da horta, cumprindo uma carga horária de meio período (4 horas) diariamente.

**Fotografia 13** – Plantação de couve do setor de Horta e Sustento



**Fonte:** A autora, 2022

Após o período da pandemia do COVID-19 (nos anos de 2020 e 2021), houve um considerável aumento na demanda por produtos provenientes da horta no município de Paranacity. Como resultado, a necessidade de mão de obra nesse setor também cresceu significativamente. Atualmente, o trabalho está sendo realizado aos sábados, a fim de suprir a demanda e garantir a entrega dos produtos para a merenda escolar. São destinados 200 quilos de alface por semana para atender à prefeitura.

**Fotografia 14** – Cultivo de alface do Assentamento Santa Maria



**Fonte:** A autora, 2022

O setor de Horta e Sustento desempenha um papel fundamental na produção de uma variedade de alimentos, como hortaliças, feijão, batata, mandioca, abóbora, gergelim, quiabo, tomate, pepino, amendoim, berinjela, abobrinha, couve-flor, brócolis, escarola e cenoura. Todo o processo de plantio é realizado manualmente, seguindo práticas agroecológicas, ou seja, sem o uso de agrotóxicos.

### Fotografia 15 – Horta da COPAVI



**Fonte:** A autora, 2022

O bagaço da cana-de-açúcar, um resíduo orgânico resultante das atividades industriais de produção de cachaça e açúcar, é utilizado para cobrir o solo dos canteiros da horta. Parte desse bagaço é vendido para produtores locais de gado bovino, que o utilizam na produção de silagem.

Além disso, a COPAVI também transforma algumas frutas sazonais em licores, como jaca, amora, jaboticaba, jenipapo e figo, comercializados pela cooperativa.

Em outro local, ocorre o cultivo de cana-de-açúcar em conjunto com culturas sazonais, como feijão e gergelim.

A COPAVI estabeleceu parcerias para a venda dos produtos hortícolas produzidos. Parte da produção é destinada aos programas governamentais, como o

PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), que recebe os alimentos semanalmente, às terças-feiras. Para o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), são enviados 170 quilos de hortaliças, 250 quilos de alimentos do tipo 1, 490 quilos de alimentos do tipo 2, 380 quilos de mandioca e 50 quilos de temperos a cada semana. No âmbito do PAA, o tipo 1 refere-se a alimentos básicos que fazem parte da alimentação diária da população, como arroz, feijão, leite, açúcar e polpa de frutas. Já o tipo 2 corresponde a alimentos com um valor nutricional mais elevado, como hortaliças, frutas, ovos e melão.

Os alimentos produzidos pela COPAVI são direcionados para diferentes locais e instituições. Parte da produção é destinada aos colégios locais e ao lar dos idosos do município por meio de programas governamentais. Outra parte é enviada a cada quinze dias para o Armazém do Campo em Maringá, onde são vendidos na Feira da Economia Solidária, realizada todas as terças-feiras na UEM (Universidade Estadual de Maringá).

No Assentamento Santa Maria, uma parte da produção é destinada ao refeitório comunitário para o consumo dos trabalhadores. O excedente da produção é doado para o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) de Paranacity, a Casa-Lar, a qual é uma unidade de acolhimento para crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, além dos funcionários da COPAVI. Durante o período da pandemia, foi realizado um plantio exclusivo para a doação dos alimentos.

#### 4.1.4 Feirinha e Loja Física da COPAVI

Existe uma ótima interação com o mercado externo para suprir a demanda de alimentos que não são produzidos localmente na COPAVI. Algumas pessoas se encarregam de trazer alimentos da CEASA (Centrais de Abastecimento do Paraná S.A.) da cidade de Maringá, e esses alimentos são vendidos juntamente com os produtos da COPAVI na feirinha que ocorre todas as quintas-feiras no Assentamento Santa Maria.

Na feirinha, os residentes do assentamento também fazem compras, pois os produtos são oferecidos aos associados a preços de custo. A feirinha é aberta ao público e a horta funciona com o sistema “colhe e pague”, oferecendo uma variedade de verduras e hortaliças.

Além da horta, no Assentamento Santa Maria, há uma loja física que

oferece uma variedade de produtos industrializados. Esses produtos incluem bolachas e pães, fabricados na padaria do próprio assentamento, além de licores, cachaças, açúcar mascavo e melado de cana produzidos na agroindústria local. A loja também vende laticínios, como leite, requeijão, manteiga, queijo e iogurte.

Além dos produtos mencionados, há um espaço dedicado à venda de itens provenientes de outros assentamentos, como café, chás, diversos sucos, arroz, creme de leite, temperos, pepino em conserva, molho de tomate, banana-passa, doce de leite e farinha de milho. É importante ressaltar que todos os alimentos comercializados no Assentamento Santa Maria são certificados como orgânicos pela Rede Ecovida.

**Fotografia 16** – Confeção de pães na padaria da COPAVI



**Fonte:** A autora, 2022

**Fotografia 17** – Prateleira de produtos da Reforma Agrária vendidos na loja da COPAVI



Fonte: A autora, 2022

#### 4.1.5 Café da Tarde

Às 15h, o café da tarde foi realizado, sendo disponibilizada uma jarra de café e outra de chá pelo refeitório coletivo do Assentamento. A padaria do assentamento, por sua vez, forneceu pão, melado e bolachas artesanais para complementar o café da tarde. Cerca de 10 pessoas participaram desse momento.

Durante o café, foi possível estabelecer uma conversa com a cozinheira

encarregada de preparar os almoços servidos no refeitório coletivo. Ela é residente do Assentamento há 4 anos e exerce essa função há cerca de 2 anos e meio.

A cozinheira destaca que foi a última pessoa a se mudar para o assentamento, já que seu companheiro já era morador do Santa Maria. Assim que chegou, foi designada para trabalhar na padaria, onde exerceu sua função por 1 ano e meio. Hoje ela realiza seu trabalho na cozinha do refeitório coletivo. Ela menciona que às vezes sente um pouco de dificuldade em decidir o que preparar para todos e valoriza as sugestões dos moradores sobre quais pratos cozinhar. Na cozinha, ela não conta com ajudantes regulares, mas quando há uma grande demanda, um funcionário de outro setor é designado para auxiliar.

No refeitório, aproximadamente 35 pessoas almoçam diariamente. No entanto, a demanda aumenta quando o assentamento recebe visitantes.

A cozinheira conta que antes de morar no assentamento, trabalhava em um restaurante no estado de Mato Grosso. Ao comparar o trabalho do restaurante com o do refeitório da cooperativa, ela diz achar o trabalho no assentamento mais leve, pois a demanda é menor.

Ela inicia sua jornada de trabalho às 7 horas da manhã e encerra por volta das 16 horas. É importante ressaltar que ela não é responsável pelo café da manhã, já que essa tarefa é designada à padaria do assentamento. Seu papel central é preparar o almoço, manter a cozinha organizada e garantir que haja uma jarra de café e outra de chá, disponíveis para o café da tarde. A limpeza do chão e dos banheiros é realizada por outra pessoa designada especificamente para essa função. Além disso, é esperado que cada indivíduo que almoce ou tome café no refeitório assuma a responsabilidade de lavar os utensílios que utilizou.

A cozinheira desempenha um papel essencial na rotina do assentamento, assegurando refeições saborosas e um ambiente limpo e organizado. A divisão de responsabilidades no refeitório promove a participação ativa de todos os frequentadores, fortalecendo o senso de comunidade e cooperação.

O trabalho da cozinheira é fundamental para o assentamento, por permitir que as demais mulheres residentes se dediquem a outras atividades na COPAVI, em vez de se preocuparem com a preparação do almoço para suas famílias. Essa distribuição de tarefas contribui para uma maior eficiência e otimização do tempo das moradoras do assentamento. Como resultado, todas as pessoas podem se beneficiar de uma alimentação adequada enquanto se envolvem em outras atividades produtivas

Durante a conversa, a cozinheira destaca que no Brasil, os trabalhadores que possuem carteira assinada, regidos pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), têm direito a apenas uma hora de almoço. Ela expressa sua preocupação, considerando esse tempo insuficiente para as pessoas poderem se alimentar adequadamente. O curto intervalo de tempo disponível dificulta o preparo de refeições completas, já que itens como o arroz podem levar de 15 a 20 minutos para cozinhar, enquanto a carne demanda mais tempo de cozimento. Isso acaba levando algumas pessoas a optarem por alternativas mais rápidas, como ovos ou alimentos ultraprocessados.

A cozinheira menciona também que o processo de cozimento do feijão requer deixá-lo de molho de um dia para o outro, sugerindo que seria mais prático prepará-lo na noite anterior e apenas reaquecê-lo no dia seguinte. Durante a conversa, ela conclui que para quem trabalha fora de casa e ainda precisa cozinhar em casa, o trabalho se torna extremamente exaustivo. Essa realidade ressalta a dificuldade que muitas mulheres enfrentam para equilibrar suas responsabilidades profissionais e domésticas, especialmente quando o tempo para preparar refeições adequadas é limitado.

#### 4.1.6 Setor da Pecuária

O último setor a ser visitado é o da Pecuária. Neste setor, uma médica veterinária acompanha todo o processo e garante a qualidade de vida das vacas e das galinhas. Durante a visita, foi possível acompanhar a rotina de ordenha e alimentação das vacas-leiteiras.

Atualmente, o Assentamento conta com 85 vacas, das quais 25 estão em lactação. A ordenha ocorre duas vezes ao dia, pela manhã e novamente no fim da tarde, por volta das 16h30. No setor, trabalham três pessoas na parte externa e duas pessoas no laticínio, responsáveis pelo empacotamento do leite e dos iogurtes. A produção de iogurte ainda é feita artesanalmente. Parte dessa produção é destinada em conjunto com o leite para as escolas do município de Paranacity, enquanto outra parte é vendida na feirinha que ocorre às quintas-feiras na COPAVI.

O trabalho no laticínio não é interrompido nos finais de semana. A cooperativa opera por meio de uma escala que envolve todos os trabalhadores da COPAVI, exceto aqueles que já trabalham no laticínio regularmente. Essa escala

determina equipes responsáveis pela ordenha matinal e outra equipe responsável pela ordenha vespertina. A escala também é aplicada para a horta e as vendas.

**Fotografia 18** – Vaca em fase de lactação aguardando a ordenha



**Fonte:** A autora, 2022

A estrutura do laticínio é bastante antiga, com 28 anos de existência. Existe um projeto em andamento para a construção de um laticínio maior, visando aumentar o número de vacas e, conseqüentemente, a produção de leite, além de possibilitar a fabricação de queijos especiais, tornando essa atividade mais rentável para o assentamento.

Devido à sua idade, o laticínio é a área que mais precisa de reformas. Infelizmente, a construção ainda não foi iniciada, pois o INCRA ainda não emitiu o documento de autorização da obra. A nova instalação está em fase de projeto, com cálculo dos custos e elaboração da planta para obtenção de um orçamento junto ao

engenheiro responsável. A COPAVI já prevê que o custo dessa obra será elevado, pois apenas em construção civil será destinado cerca de R\$ 1 milhão para erguer um novo galpão. No entanto, o antigo local ainda será integrado ao novo projeto, sendo transformado em banheiro e escritório, conforme exigido pelo SIPE (Sistema Integrado de Produtos e Estabelecimentos).

O coordenador deste setor foi responsável por apresentar todas as etapas do trabalho realizado no laticínio e explicou a dinâmica de rotação do pasto adotada com as vacas. Ele ressaltou que tanto as vacas quanto o leite possuem certificação orgânica, porém a estrutura do laticínio em si ainda não possui essa certificação. No entanto, a nova construção será projetada e construída de acordo com todos os padrões exigidos para obter o selo de produto orgânico.

Uma das recentes aquisições do laticínio foi a compra de 3 vacas prenhas, com um custo de R\$ 6 mil cada uma. Essas adições contribuirão para o aumento da produção de leite e fortalecerão o rebanho do assentamento.

Na granja, existe uma população de 120 galinhas poedeiras, e há um projeto em andamento para expandir suas instalações. No entanto, um dos principais desafios para a expansão é o alto custo da ração orgânica.

A opção de criar apenas gado e galinhas no assentamento se deve a experiências anteriores com a criação de porcos. Devido à localização próxima ao centro da cidade, ocorreram diversos casos de furto de porcos, o que levou ao fim dessa atividade. Embora também tenham ocorrido casos isolados de desaparecimento de vacas, a cooperativa contratou um vigia para evitar esses incidentes. Para o futuro, está sendo considerado um projeto para construir baias de vacas mais próximas à agrovila, visando um maior controle.

Outra atividade descontinuada foi a piscicultura, também devido a problemas de furtos, apesar de ter sido realizada por um ano o trabalho não se mostrou viável. Para solucionar essa questão, a cooperativa está avaliando a construção de um açude mais próximo à agrovila.

Além disso, a proximidade com a cidade (2 km) causa o abandono de gatos e cachorros próximo à entrada do assentamento, resultando em uma grande população de gatos no local. Com a chegada da veterinária ao assentamento, está sendo planejada uma campanha de castração desses animais abandonados. Atualmente, a alternativa adotada é levar esses animais para o castra-móvel disponibilizado pela prefeitura de Paranacity.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tradicionalmente, a sociedade segue um sistema patriarcal que atribui ao homem a responsabilidade produtiva e à mulher a responsabilidade reprodutiva. Essa dinâmica também se reflete nas unidades domésticas rurais. Apesar da luta constante das mulheres pela conquista de reconhecimento e espaço na cadeia produtiva, muitas delas enfrentam a sobrecarga de trabalho, com jornadas duplas ou triplas, envolvendo cuidados com os filhos e as tarefas domésticas. Mudar essa realidade é difícil, como afirmou Sorj (2001, p.108): “... os homens não têm interesse em alterar sua posição na esfera doméstica, pois simplesmente não têm nada a ganhar.”

No entanto, o modelo de organização coletiva supera essa realidade ao adotar o trabalho em rede, permitindo a inclusão das mulheres rurais em todas as etapas do processo produtivo, desde o planejamento até a comercialização dos produtos. Há 30 anos, a COPAVI tem mantido esse modelo de organização coletiva por meio do cooperativismo, proporcionando uma boa qualidade de vida para todos os moradores, com destaque para as mulheres e mães residentes no Assentamento Santa Maria. Para elas, o trabalho em rede não é algo revolucionário, pois já estão imersas nessa cultura há três décadas. A cooperação mútua e o apoio entre os membros da comunidade são vistos como algo natural e fundamental para o funcionamento harmonioso do assentamento, contribuindo para o crescimento pessoal e profissional das mulheres.

O Assentamento Santa Maria se destaca por oferecer espaços rurais inclusivos, acolhendo moradores LGBTQIA+, famílias compostas por mães solo, crianças, jovens e idosos. Essa composição diversa desafia a noção tradicional de um ambiente rural formado apenas por famílias cisgênero, demonstrando que os eventos culturais e as dinâmicas sociais urbanas também estão presentes e se desenvolvem no meio rural. Essa transformação evidencia o compromisso do assentamento Santa Maria e da COPAVI com a inclusão social, proporcionando um ambiente onde todos se sentem pertencentes e respeitados.

A valorização das mulheres inseridas no contexto da COPAVI é fundamental. A organização coletiva oferece suporte emocional e social, permitindo que elas se apoiem mutuamente e compartilhem suas experiências e ideias, combatendo o isolamento e a solidão frequentemente enfrentados pelas mulheres que vivem em áreas rurais. Além disso, a organização coletiva pode oferecer mais segurança e estabilidade financeira para os agricultores, uma vez que a venda da produção é realizada em

conjunto e os riscos são compartilhados.

Conclui-se, portanto, que é fundamental construir comunidades rurais mais justas e equitativas para homens e mulheres. A organização coletiva pode desempenhar um papel crucial ao compartilhar a carga de trabalho e tomar decisões importantes em conjunto, beneficiando tanto as mulheres quanto os homens. Além disso, a organização coletiva possibilita que as mulheres rurais tenham voz ativa nas decisões e na gestão do assentamento, contribuindo para a valorização de seu trabalho e para a redução das desigualdades de gênero no campo.

No entanto, é importante reconhecer que ainda existe certa resistência em relação ao modelo de trabalho coletivo nos assentamentos rurais. A maioria dos agricultores dá prioridade à propriedade e à participação familiar no cultivo, o que faz com que muitos trabalhadores rurais aspirem a ter seu próprio espaço para cultivar com suas famílias.

Ambos os modelos, o coletivo e o individual, possuem vantagens e desvantagens, e a escolha entre um ou outro dependerá das necessidades e objetivos da comunidade em questão. Os assentamentos coletivos podem oferecer benefícios sociais e econômicos, como a partilha de recursos e a redução de custos de produção. Além disso, eles podem incentivar a cooperação e a solidariedade entre os membros da comunidade, promovendo um senso de pertencimento e colaboração. Por outro lado, os assentamentos individuais podem oferecer autonomia e rendimento individual (familiar), uma vez que os proprietários têm maior controle sobre suas próprias parcelas de terra e as decisões relacionadas a elas.

Conclui-se que as mulheres da COPAVI desempenham um papel fundamental no MST, atuando não apenas como líderes, mas também como forças mobilizadoras em redes de trabalho. A luta das mulheres por reconhecimento e espaço na cadeia produtiva é uma demanda justa e indispensável, e a organização coletiva surge como uma alternativa significativa para promover a igualdade de gênero.

A COPAVI exemplifica na prática que todas as conquistas alcançadas no Assentamento Santa Maria foram possíveis graças ao cooperativismo e ao trabalho em rede entre os associados, destacando especialmente as contribuições das mulheres, a qual são a maioria na comunidade e ocupam posições importantes na cooperativa.

Ao reconhecer e valorizar o papel das mulheres rurais como líderes e agentes de transformação, avança-se em direção a uma sociedade mais justa e equitativa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Artigo 184**. In: Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm) Acesso em: 16 mai. 2022.

CALZA, L. R. D.; **A reforma agrária no Paraná e os desafios dos assentamentos rurais coletivos**: o caso da Copavi, município de Paranacity. Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2022. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/6740> Acesso em: 20 out. 2022

CHAGAS, G. **MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/acervo/mst/> Acesso em: 20 set. 2022

COPAVI: **Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória. Paranacity-PR**, 2022. Disponível em: <https://cirandas.net/cooperativa-de-producao-agropecuaria-vitoria-ltda>. Acesso em: 13 dez. 2021.

CZYCZA, Cristiano. **COPAVI: 27 anos sem cercas e na construção da agroecologia**. 14 jul. 2020. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/07/14/copavi-27-anos-sem-cercas-e-na-construcao-da-agroecologia/> . Acesso em: 30 nov. 2021.

EID, F. et al. Políticas de agroindustrialização em assentamentos da reforma agrária: uma análise do diálogo entre a prática das cooperativas do MST e as políticas governamentais. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 11, n. 22, p. 1-31, 2015.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais. **Observatório Social de América Latina**, v.16, p.273-284, 2005.

HOLLIDAY, O. J. O trabalho em rede: tecer complexidades e forças. **Rede de Educação Para a Cidadania Global**, p. 1-6, 2013.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia; GARCIA, Marie France e GARCIA Jr., Afrânio R. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In: AGUIAR, Neuma (Coord.). **Mulheres na força de trabalho na América Latina**. Petrópolis: Vozes, p. 29-44, 1984.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Paranacity**: população. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/paranacity/panorama> Acesso em 23 out. 2022.

INCRA — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária: **Informações gerais sobre os assentamentos da Reforma Agrária**. Brasília-DF, 2017. Disponível em: <https://antigo.incra.gov.br/pt/assentamentos.html> Acesso em: 30 nov. 2021.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Perfil do município de Paranacity**. Disponível em: <https://www.ipardes.pr.gov.br/Pagina/Perfil-dos-municipios-0> Acesso em: 16 jun. 2022.

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Quem somos**. 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/> Acesso em: 13 out. 2021.

NAMORADO, Rui. **Os princípios cooperativos**. Cooperativa Editorial de Coimbra - Coimbra, 1995.

**Organização Comunitária dos Assentos do Paraná**. Paraná - BR: Publicado pela Videoteca Virtual Gregório Bezerra. 1994. 1 vídeo (16 min). Disponível em: <https://youtu.be/x5VEc4deHUA>. Acesso em: 6 out. 2021.

**Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 514 p.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1978

SORJ, Bila. Trabalho remunerado e Trabalho não-remunerado. IN: VENTURINI, Gustavo. RECAMÁN, Marisol e OLIVEIRA Suely (org). **A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado**. 1. Ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 103-119.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, maio-ago. 2016. Disponível em: Acesso em: 17 jul 2022.